

Mapa da Jornada do Herói

SENTA QUE LÁ VEM TEXTÃO!

Ante as inúmeras abordagens suscitadas em Turma e a pedido da TITI VIDAL ouseo apresentar lhes esta modesta resenha das páginas 26/37 do “**Capítulo 2 – Mapa da Jornada**”, do livro “**Jung e o Tarô – uma jornada arquetípica**”, 16ª edição, **Sallie Nichols**, Editora Cultrix, São Paulo, 2014. Conquanto inevitável referir-se por vezes aos Grandes Arcanos, ainda que superficialmente, prende-se tal enfoque aos *Reinos* (ou fileiras) aos quais aqueles pertencem.

Dado ao caráter intimista, não comercial e tampouco acadêmico deste resumo, peço licença às regras da ABNT e reitero os créditos à Autora supra.

MAPA PRA QUE?

O Capítulo abordado tem por título uma metáfora: mapa. Não é à toa. Tamanha remissão designativa cartográfica recorre mesmo a conceitos de simbolização, escala e, principalmente como veremos a seguir, de *projeção* para representar uma jornada tal qual as cártulas dos navegantes das diversas eras orientavam lhes os rumos.

No dizer da Autora, uma viagem pelas cartas do Tarô, primeiro que tudo, é uma viagem às nossas próprias profundezas. O que quer que encontremos ao longo do caminho é, embaixo, um aspecto do nosso mais profundo e elevado *eu* porquanto, as cartas do Tarô nasceram num tempo em que o misterioso e o irracional tinham mais realidade do que hoje, daí porque, trazem-nos uma ponte efetiva para a sabedoria ancestral do nosso *eu* mais íntimo. Inegavelmente as figuras nos *Trunfos do Tarô* contam uma história simbólica. À semelhança dos nossos sonhos, elas nos vêm de um nível que a consciência não alcança, e muito distante da nossa compreensão intelectual.

Pois bem. Antes de iniciar uma jornada é uma boa ideia arranjar um mapa. Neste sentido, o modo com que as cartas estão arrumadas nesse mapa nos oferece uma pré-estreia dos tipos de experiências que podemos esperar ao longo do caminho.

Os *Trunfos do Tarô* são chamados de *detentores da projeção*, verdadeiros ganchos para capturar a imaginação. *Projeção*, específico e psicologicamente falando agora, é um processo inconsciente, autônomo, pelo qual vemos primeiro nas pessoas, nos objetos e nos acontecimentos as tendências, características, potencialidades e deficiências que, na verdade, são nossas.

A *projeção* do nosso mundo interior no mundo exterior não é coisa que fazemos de propósito. É simplesmente a maneira como funciona a psique. A *projeção* acontece de forma tão contínua e inconsciente que costumamos não dar conta de que ela está acontecendo. Não obstante, tais *projeções* são instrumentos úteis à conquista do autoconhecimento. Contemplando as imagens que atiramos na realidade exterior, como reflexos de espelho da realidade interior, chegamos a conhecer-nos.

Mapa da Jornada do Herói

Nesta viagem através dos *Trunfos do Tarô* utilizam-se as cartas como *detentores da projeção*. Os *Trunfos* são ideais para esse propósito porque representam simbolicamente as forças instintuais que operam de modo autônomo nas profundezas da psique humana e que JUNG denominou *arquétipos*. Tais *arquétipos* funcionam na psique de maneira muito parecida com a que os instintos funcionam no corpo. Não podemos ver essas forças arquetípicas, como, de fato, não podemos ver os instintos; mas experimentamo-las em nossos sonhos, visões e pensamentos de vigília onde aparecem como imagens.

Tais quais as várias cártulas dos inúmeros navegantes das diversas épocas variavam de autor para autor, de igual sorte, também de cultura para cultura, conquanto a forma específica que os *Trunfos do Tarô* podem assumir, o seu caráter essencial é, no fundo, universal eis que retratam todas essas imagens arquetípicas que atuam em nós.

Nesse nosso mapa, os *Trunfos do Tarô*, desde o número um até o número vinte e um, dispostos em sequência, formam três fileiras horizontais de sete cartas cada. O *Louco*, cuja designação é zero, *não tem posição fixa. Perambula acima da fileira superior*, olhando do alto para as outras cartas, Visto que não tem escaninho, o *Louco* está livre para espiar os demais personagens e pode também irromper inesperadamente em nossa vida pessoal, do que resulta que, a despeito de todas as intenções conscientes, acabamos fazendo o papel de loucos.

Os sete primeiros *Trunfos do Tarô* (o *Mago*, a *Papisa*, a *Imperatriz*, o *Imperador*, o *Papa*, o *Enamorado*, o *Carro*) compõem a primeira fileira superior denominada *Reino dos Deuses*. Assim o é porque retratam muitos dos principais personagens entronizados na constelação celestial de *arquétipos*.

A seguir, o carro do herói leva-o para baixo, para a segunda fileira de cartas, denominada *Reino da Realidade Terrena e da Consciência do Ego* (mais adiante também chamado de *Reino do Equilíbrio*), porque aqui o moço sai para procurar a sua fortuna e estabelecer sua identidade com o mundo exterior. Livrando-se cada vez mais da contenção dentro da “família” arquetípica, retratada na fileira superior, sai com a intenção de buscar a sua vocação, constituir família e assumir seu lugar na ordem social.

Nessa segunda fileira, a primeira carta é a *Justiça* _o herói precisa agora avaliar problemas morais para si mesmo. Em seguida vem o *Eremita* _este frade o ajudará a encontrar uma luz mais individual. Depois a *Roda da Fortuna* _a inexorável guinada além do nosso controle e com a qual teremos de chegar a um acordo. Na sequência, a *Força* _ajudará o herói a enfrentar a sua natureza animal. Chega o *Enforcado* _o desamparo, a limitação pelo insucesso até aqui. A carta seguinte é a *Morte* _o despojo, a transformação. Por fim a *Temperança* _as energias do herói voltam a fluir numa nova direção.

O quê se conclui entre essas duas fileiras é que, antigamente, o herói esteve empenhado em libertar-se da compulsão dos *arquétipos* na medida em que eles o

Mapa da Jornada do Herói

afetavam pessoalmente no mundo dos seres e eventos humanos, e em estabelecer um *status* para o ego no mundo externo. Agora ele está pronto para voltar suas energias mais conscientemente na direção do mundo exterior. Ao passo que antes buscava o desenvolvimento do ego, sua atenção volta-se agora para um centro psíquico mais amplo, que JUNG denominou o *eu*. Isso não quer dizer que o ego do herói deixará de existir; quer dizer simplesmente que ele já não o experimentará como a força central que lhe motiva as ações. Doravante o seu ego pessoal se dedicará, cada vez mais, a prestar serviços além de si mesmo, o herói perceberá que seu ego é tão-só um planetazinho que gira ao redor de um gigantesco sol central – o *eu*.

Ao longo de toda a jornada o herói terá tido vislumbres desse tipo de intuição; mas à proporção que lhe seguirmos os passos através dos *arquétipos* da fileira inferior, veremos a sua percepção dilatar-se e a sua iluminação aumentar. Por esse motivo chamaremos a fileira inferior do nosso mapa de *Reino da Iluminação Celestial e da Auto-realização*.

A primeira carta da fileira inferior é o *Diabo* _quer queiramos um não, traz para nós um lampejo de luz. As quatro cartas seguintes: a *Torre*, a *Estrela*, a *Lua* e o *Sol*, retratam várias fases de iluminação em ordem ascendente. Na sequência, o *Julgamento* _o renascimento do herói e, por fim, o *Mundo* _todas as forças antagônicas com as quais o herói vinha lutando unem-se_ o *eu*, plenamente compreendido.

MAPA PRA QUEM?

À medida que seguirmos as fortunas do herói através dessas cartas, estaremos observando suas interconexões no eixo horizontal _o modo com que cada experiência encontrada ao longo da jornada evoca a experiência que ela se segue. Quando estudarmos as cartas da fileira anterior, estaremos também fazendo conexões no eixo vertical entre esses *Trunfos* e os que ficam diretamente acima deles no mapa. Por exemplo: o *Mago* em cima, o *Diabo* embaixo e, no meio, a *Justiça* servindo de mediadora entre os dois _muitas conexões podem ser feitas entre essas três cartas, mas uma das mais óbvias é que tanto o *Mago* aparentemente benigno da carta número I quanto o *Diabo* da carta número XV precisam ser tomados em consideração em nossa vida. Com efeito, se não “dermos ao diabo o que lhe é devido”, ele o tomará de qualquer maneira; se o ignorarmos nas nossas costas de forma destrutiva. Assim, as cartas da primeira fileira vertical poderão estar dizendo que, enquanto usarmos os pratos da *Justiça*, qualquer um dos dois magos terá menores oportunidades de nos pregar peças à nossa revelia.

Realmente as cartas da segunda fileira horizontal atuam muitas vezes como mediadoras entre os opostos do *Reino dos Deuses*, acima, e do *Reino da Iluminação*, abaixo; daí porque, nos convenha atribuir-lhes também a denominação de *Reino do Equilíbrio*.

